

ACADEMIA DE SANTO AMARO

Com origem na tenacidade de um punhado de indivíduos, em 1868, a Academia de Santo Amaro começou por se designar “SOCIEDADE FILARMÓNICA ESPERANÇA E HARMONIA”.

As vicissitudes da vida e a insatisfação dos “Santamarenses” levariam à constituição, em 1915, de uma corrente, a **SOCIEDADE FILARMÓNICA ALUNOS DE HARMONIA...**

Como se não bastasse surge mais tarde uma terceira agremiação recreativa conhecida de seu nome por **GRUPO DRAMÁTICO E MUSICAL APOLO**.

Três entidades dinamizavam então, a vida cultural, desportiva e recreativa do popular bairro de Santo Amaro, no meio da pujante actividade fabril e operária da freguesia de Alcântara.

A pouco e pouco “O Grupo a Travessa” e o “Largo” foram encontrando actividades complementares, e a sadia concorrência das Bandas, Teatros, Operetas, Revistas, etc., deu origem a uma necessidade de juntar esforços, à força, porque em 1943, um plano urbanístico da cidade obrigava ao desaparecimento das sedes de “A Travessa” e de “O largo”.

Para preservar os lugares das suas histórias, e sobretudo por obrigação para com a quase totalidade dos seus associados, operários fabris na freguesia ou arredores, sedentos de ensino e cultura viva, de convívio saudável, familiar e desportivo.

Fundou-se, em 10 de Março de 1946, a **GRANDE ACADEMIA DE SANTO AMARO**, grande na alma e certamente no futuro, como foi no juntar de esforços e vontades...



A APA FOI AO TEATRO DE REVISTA

Com o intuito de proporcionar aos seus associados, familiares e amigos um noite diferente do habitual, em boa hora a APA organizou a ida à Academia de Santo Amaro, em Alcântara. Foi no passado dia 11 de Fevereiro que tivemos o privilégio de assistirmos, numa das mais tradicionais salas de teatro amador em Portugal, a um espectáculo de representação, luz e som que nos foi oferecido por aquele grupo de amadores com a revista:

“EM SANTO AMARO... TÁ TUDO NA MAIOR”

De facto aquele grupo de amadores deixou-nos a todos sem palavras. Muitos perguntavam – São mesmo amadores? Foi a qualidade dos actores e a graciosidade posta em palco por aquele excelente elenco, que no final de três horas de espectáculo fez com que as palmas, como forma de agradecimento, fossem poucas e ficasse no ar a nostalgia do final do último acto.

Esta ida a esta casa do teatro de revista visava também podermos colaborar com esta colectividade, fazendo o que de melhor sabemos, ser solidários e poder de alguma forma com a nossa presença, com o nosso contributo, dar um pequeno grande impulso que ajude na aquisição de uma nova plateia para esta colectividade que já leva 60 anos de serviços prestados à sociedade, proporcionando noites de teatro de revista com a qualidade que a todos os presentes foi demonstrada, contribuindo de forma acentuada para a preservação da cultura Portuguesa. E assim vão dependendo, destes contributos, as colectividades que com pouco ou nada vêem o Ministério da Cultura contribuir para o seu esforço, empenho e profissionalismo,

penalizando-as mesmo fortemente e por arrasto também o TEATRO em PORTUGAL.

Nesta iniciativa, a que se associaram a ANS, a CPDCM e cerca de 150 militares e famílias, restam-nos os nossos agradecimentos pela sua presença e sobretudo pela disponibilidade demonstrada na cumplicidade que evidenciaram para com os actores que estiveram no palco a trabalhar.

E porque não há revista sem quem idealiza, dirige e encena, aqui fica para a posterioridade:

Autores Texto – Mário Raínho e Paulo Vasco

Coreografia – Pedro Mascarenhas

Compositores – João Vasconcelos, Nuno Nazareth Fernandes, Carlos Alberto Moniz e Mário Rui

Encenação e Direcção – Paulo Vasco

Para terminar um agradecimento aos Directores, Técnicos, Actores e demais colaboradores da Academia de Santo Amaro.

Aos cidadãos em geral se deixa a sugestão:

Visitem esta Academia. Poucos locais em Lisboa, proporcionam tão agradáveis momentos!





TEATRO DE REVISTA O teatro de revista é um teatro que junta o drama e a comédia, faz-se sempre neste género de teatro uma crítica muito arguta e afiada ao sistema e à sociedade, por meio de rábulas, de quadros interpretados pelos actores proporcionando muitas vezes a interacção com público.

Este género de fazer teatro é muito bem aceite pelo público, pois a crítica mordaz e a frase brejeira é aceite e aplaudida por este com satisfação. É um modo de representar que requer guarda-roupa que “salte à vista” que chame a atenção, e todos os gestos e palavras têm que ser feitos e ditos com marcações e entoações por vezes exageradas pois nesta representação “o teatro é mais do que a vida”.

Uma peça de revista, é sempre composta por dois actos que tem dois finais apoteóticos: o do primeiro acto e o do segundo acto. O primeiro acto termina sempre com um quadro chamado

“quadro de rua” que é composto pelo seguinte: - Sempre com o mesmo cenário existem dois compêres ou um compêre e uma ou duas chefes de quadro, e são feitas pelos menos três rábulas.

Os compêres estão vestidos e subordinados a um tema, as chefes de quadro estão sempre com maillots e grandes penas na cabeça ou nas costas. Quando acaba o quadro de rua, é feito o primeiro final com roupa, sempre sujeita ao tema da música.

A abertura do segundo acto é sempre feita com uma canção ou uma dança também sujeitos ao tema. Seguem-se as rábulas e o final é também sujeito a tema com roupas bastantes chamativas e brilhantes e/ou com penas.

Existiam no Parque Mayer em Lisboa alguns teatros que representavam revista como: O Variedades, o ABC, O Capitólio e a Maria Vitória. Neste momento somente o Maria Vitória funciona os outros estão num estado de degradação muito grande.



TEATRO AMADOR O teatro amador, muitas vezes é amador somente porque o faz por carolice, por amor ao teatro não tem ordenado. Numa companhia de bons actores amadores, a diferença para os profissionais é só mesmo o tempo dedicado à arte e o dinheiro (cachet) que não se recebe.

Num grupo de bons actores amadores por vezes há grandes talentos, mais merecedores de elogios do que alguns profissionais, porque no fim de um dia de trabalho ainda é retirado à família muito do seu tempo, da sua paciência e da sua vontade ao teatro contribuindo na ajuda da feitura das roupas, cenários, montagens e adereços além da sua representação, pois tudo é feito por todos com muito amor à arte e ao teatro.

Para se perceber bem as diferenças no teatro profissional, os actores somente representam, os electricistas fazem o trabalho de electricidade, os carpinteiros a carpintaria, os cenógrafos os cenários, as costureiras as roupas e os aderecistas os adereços. Grandes actores do teatro profissional saíram de grupos de amadores.

*Para o “Amador” e também para o “Profissional”,
o teatro será sempre mais do que a vida*

CURIOSIDADES

NORMALMENTE HÁ MUITAS SUPERSTIÇÕES NA GENTE DO TEATRO, COMO POR EXEMPLO:

- Não se passa por debaixo de uma escada;
- Não se batem palmas nos ensaios;
- Não se dizem certas palavras na sala do teatro e se forem ouvidas batem-se três pancadas na madeira, como por exemplo as palavras “azar” e “cobra”;
- Quando alguém cai ou se magoa fazendo uma ferida sangrando, é êxito certo;
- Não se assobia na sala;
- Quando o ensaio geral corre mal a estreia corre bem;

- Nos espectáculos não se deseja boa sorte ou que corra bem, deverá sempre desejar-se “muita merda”, e o actor não deverá nunca agradecer. Quanto a este desejo há uma história que se conta como sendo verdadeira que é a seguinte: A grande Sarah Bernhardt representava o 2º acto de “Phédra”, teve uma das suas normais indisposições, em cena *borrou-se*. Ninguém acreditava no êxito da representação e o grande facto é que foi. Por este motivo é que dizem que se deve desejar ao actor/actriz sempre “muita Merda”.